

*L. S. Vigotski*  
**O DESENVOLVIMENTO  
PSICOLÓGICO NA  
INFÂNCIA**

*Tradução CLAUDIA BERLINER*

DEDALUS - Acervo - FE



20500022232.

**Martins Fontes**  
São Paulo 1999

Biblioteca / FEUSP

43134

UVA

Esta obra foi publicada originalmente em russo com o título  
**SOBRANIA SOCHINENII TOM VTOROI. PROBLEMI OBSHEI  
PSIHOLOGUI.** por Editorial Pedagogika, Moscou, em 1982.  
Copyright © Editorial Pedagogika, Moscou, em 1982  
Copyright © Livraria Martins Fontes Editora Ltda.,  
São Paulo, 1998, para a presente edição.

1ª edição  
abril de 1998  
2ª tiragem  
agosto de 1999

Traduzido a partir do texto espanhol por  
CLAUDIA BERLINER

Revisão gráfica  
Teresa Cecília de Oliveira Ramos  
Célia Regina Rodrigues de Lima  
Produção gráfica  
Geraldo Alves  
Paginação/Fotolitos  
Studio 3 Desenvolvimento Editorial  
Capa  
Alexandre Martins Fontes  
Katia Harumi Terasaka

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Vigotski, Lev Semenovich, 1896-1934.  
O desenvolvimento psicológico na infância / L. S. Vigotski ;  
tradução Claudia Berliner. – São Paulo : Martins Fontes, 1998. –  
(Psicologia e Pedagogia)

Título original: Sobrania sochinenii tom vtoroi.  
ISBN 85-336-0807-1

I. Crianças – Desenvolvimento 2. Psicologia infantil I. Título.  
II. Série.

97-5592

CDD-155.4

Índices para catálogo sistemático:

1. Crianças : Desenvolvimento psicológico :  
Psicologia infantil 155.4
2. Infância : Desenvolvimento psicológico :  
Psicologia infantil 155.4

Todos os direitos para o Brasil reservados à  
**Livraria Martins Fontes Editora Ltda.**  
Rua Conselheiro Ramalho, 330/340  
01325-000 São Paulo SP Brasil  
Tel. (11) 239-3677 Fax (11) 3105-6867  
e-mail: info@martinsfontes.com  
http://www.martinsfontes.com

## Índice

### PRIMEIRA PARTE

#### O desenvolvimento psicológico na infância

1. A percepção e seu desenvolvimento na infância 3
2. A memória e seu desenvolvimento na infância 29
3. O pensamento e seu desenvolvimento na infância 49
4. As emoções e seu desenvolvimento na infância 79
5. A imaginação e seu desenvolvimento na infância 107
6. O problema da vontade e seu desenvolvimento na  
infância 131

### SEGUNDA PARTE

#### Vias de desenvolvimento do conhecimento psicológico

- Prólogo à versão russa do livro de E. Thorndike, "Princípios de ensino baseados na psicologia" 149
- Introdução à versão russa do livro de K. Bühler, "Ensaio sobre o desenvolvimento espiritual da criança" 179
- Prólogo à edição russa do livro de W. Köhler, "Pesquisas sobre a inteligência dos macacos antropomorfos" 201
- O problema do desenvolvimento na psicologia estrutural.  
Estudo crítico 243

Notas 321

Aquisição	Convênio / Russa
Origem	Livro / América
Solicitação	
Proc	03 L 309 48.9
R\$	24,34
Da	26/07/01
N.º de Chamada	152.273 V996d

busca, no processo do pensamento, algo relacionado com sensações emocionais, e o faz com entusiasmo e interesse de intensidades não inferiores, mas inclusive superiores às do esquizofrênico, encontra-se dentro do pensamento realista.

A diferença entre o pensamento autista e o realista consiste em que, tanto em um quanto em outro, dispomos de uma determinada síntese dos processos intelectual e emocional, mas, no caso do pensamento realista, o processo emocional desempenha um papel mais de acompanhante do que de diretor, mais subordinado do que condutor, ao passo que no pensamento autista ele tem o papel de direção; o processo intelectual, ao contrário, em contraposição a como intervém no sistema de pensamento realista, não é condutor mas acompanhante.

Resumindo, as pesquisas atuais do pensamento autista mostraram que este constitui um sistema psicológico original, no qual não estão deteriorados os momentos intelectuais e emocionais, mas onde ocorre uma mudança patológica de sua correlação. A análise desse pensamento autista, que devemos aproximar da imaginação da criança e do homem normal, constituirá o tema de nossa próxima conversa. Espero tratar nela, por meio de um material concreto, de um conceito que foi muitas vezes utilizado e que nunca foi descoberto no sistema psicológico. Veremos como, no desenvolvimento da vida emocional, a migração sistemática, a mudança de lugar da função psíquica no sistema, determina também seu significado em todo o processo de desenvolvimento da vida emocional.

Por conseguinte, teremos a possibilidade de estabelecer uma seqüência entre a conversa de hoje e a seguinte, e no tema da imaginação trabalhar, por meio do exemplo de um sistema psicológico concreto, aquilo que nos ofereceu a análise do pensamento e das emoções. Com isto dou por terminada minha intervenção, deixando para o próximo capítulo as conclusões teóricas relativas à doutrina da imaginação.

## *Conferência 5*

### *A imaginação e seu desenvolvimento na infância\**

Para a velha psicologia, que costumava considerar todos os aspectos da atividade psíquica do homem como conhecidas combinações associativas das impressões acumuladas anteriormente, o problema da imaginação constituía um enigma insolúvel. Querendo ou não, a velha psicologia tinha de reduzir a imaginação a outras funções, porque a principal diferença entre a imaginação e as demais formas de atividade psíquica humana consiste no seguinte: a imaginação não repete em formas e combinações iguais impressões isoladas, acumuladas anteriormente, mas constrói novas séries, a partir das impressões anteriormente acumuladas. Em outras palavras, o novo que interfere no próprio desenvolvimento de nossas impressões e as mudanças destas para que resulte uma nova imagem, inexistente anteriormente, constitui, como se sabe, o fundamento básico da atividade que denominamos imaginação. Por conseguinte, para a psicologia associacionista, que considerava qualquer atividade uma combinação de elementos e imagens que já existiam na consciência, a imaginação devia constituir um enigma insolúvel.

\* "Voobrazhenie y yego razvitie v detskom vozraste."

Sabe-se que a velha psicologia procurou eludir este enigma, reduzindo a imaginação a outras funções psíquicas. Em essência, é essa idéia que serve de fundamento para a velha doutrina psicológica da imaginação que, como expressou Ribot em seu conhecido trabalho, a dividia em dois tipos: por um lado, a imaginação reprodutora e, por outro, a criadora ou reconstrutiva.

A imaginação reprodutora é a própria memória. Para os psicólogos, era a atividade da psique com a qual reproduzimos na consciência uma série de imagens que vivemos, mas que reconstruímos sem que existam motivos imediatos para isso. A atividade da memória, que consiste no aparecimento na consciência das imagens vividas anteriormente e que não se relacionam com um motivo atual imediato para sua reprodução, era chamada pelos velhos psicólogos de imaginação.

Ao diferenciar esta forma de imaginação da memória em sentido estrito, os psicólogos assim se expressavam: se ao ver agora uma paisagem me lembro de outra parecida, que já vi outra vez, em algum lugar de outro país, tratar-se-á de uma atividade da memória, porque a imagem presente, a paisagem presente, desperta em mim a imagem vivida. Trata-se do movimento corrente das associações, que constitui o fundamento das funções da memória. Mas se, mergulhado em meus próprios pensamentos e reflexões, sem estar vendo paisagem nenhuma, reproduzo na memória uma paisagem vista por mim alguma vez, esta atividade se diferenciará da atividade da memória pelo fato de que o impulso imediato para ela não provém da existência das impressões que a provocam, mas de certos processos distintos.

Dito de outro modo, esses psicólogos se deram conta, com razão, de que a atividade da imaginação, inclusive quando opera com imagens anteriores, é condicionada psiquicamente de modo distinto da atividade da memória.

No entanto, os psicólogos se deparam, neste caso, com a seguinte circunstância: que me lembre da paisagem anterior ao olhar a atual ou que lembre dela quando me veio à cabeça o nome do lugar da paisagem que vi outrora, não altera de fato a questão. A diferença entre a memória e a imaginação não consiste na atividade em si desta última, mas nos motivos que provocam essa atividade. Em ambos os casos, a própria atividade é muito similar, porque se adotarmos o ponto de vista da psicologia atomista, que cria complicadas formas de atividade a partir de elementos, não existe outro caminho para explicar a atividade da imaginação a não ser supor que uma certa existência de imagens provoca outras associadas a elas. Diante de semelhante formulação, o problema da imaginação reprodutora fundia-se totalmente com o da memória: era considerada uma das funções desta última dentre muitas outras.

O assunto se colocava de forma mais complicada com o tipo de atividade que os psicólogos denominavam imaginação criativa. Nela, salta para primeiro plano a diferença a que já me referi, particularmente os momentos de criação de novas imagens, que não existiam na consciência nem na experiência passada, momentos que são próprios da imaginação.

A psicologia associacionista explicava o surgimento de novas imagens criativas como resultado de combinações singulares e casuais de elementos. Na imaginação criativa surgem novas combinações desses elementos, que não são novos em si. Essa é a lei fundamental da imaginação do ponto de vista da velha psicologia, cujos porta-vozes eram Wundt e Ribot, os quais diziam que a imaginação é capaz de criar numerosas combinações novas de elementos anteriores, mas que não é capaz de criar nenhum elemento novo.

Devo dizer que o trabalho desses psicólogos foi em grande parte frutífero, já que mostraram, passo a passo, que os processos da imaginação eram condicionados pelos sentimentos. Mostraram, segundo a expressão de um dos psicólogos, que nossos sonhos não são produto do acaso, mas estão relaciona-

dos com toda a experiência de quem os sonha, que, no fim das contas, as idéias mais fantásticas reduzem-se a combinações desconhecidas de elementos presentes na experiência precedente do homem, que nem mesmo em sonhos podemos ver nada que não tenhamos vivido alguma vez de uma forma ou outra quando despertos, e que as idéias mais fantásticas não o são do ponto de vista dos elementos nelas contidos. Em outras palavras, esses psicólogos descobriram o substrato real da imaginação, a conexão desta com a experiência anterior, com as impressões acumuladas. Mas o outro aspecto do problema, que consiste em demonstrar o que constitui na imaginação a base da atividade, que permite representar de forma totalmente nova, em uma nova combinação, todas essas impressões acumuladas, não foi resolvido por eles, mas apenas esboçado.

A esta pergunta os psicólogos da velha escola simplesmente respondiam: a nova combinação surge por pura casualidade, porque, como reza uma das leis da velha psicologia, a nova combinação da imaginação surge de novas constelações, ou seja, de novas relações entre elementos isolados. O característico da teoria wundtiana dos sonhos é que seu autor tenta demonstrar que cada elemento dos sonhos é uma impressão vivida pela consciência quando em estado vígil, e a combinação fantástica dos elementos dos sonhos deve sua origem a uma constelação completamente singular, isto é, a uma combinação singular de elementos. E a constelação completamente singular nasce porque nossa consciência "sonhante" (sonhadora) encontra-se em condições francamente especiais: é surda e cega às impressões do mundo exterior. A pessoa que dorme não vê nem escuta, ou seja, não percebe com os órgãos dos sentidos as excitações externas, as quais lhe chegam deformadas, mas a consciência "sonhante" percebe toda uma série de excitações intra-orgânicas. Finalmente, a "ressurreição" de imagens isoladas por caminhos associativos se produz casualmente, graças ao fato de que no córtex cerebral ocorre

uma singular distribuição dos processos de excitação, e em função disso surge uma série de combinações casuais.

Por conseguinte, os sonhos são, segundo Wundt, uma constelação casual, uma combinação casual de uma série de impressões fragmentadas, arrancadas do contexto primário. Geralmente, diz ele, ao recordar algo sobre alguém, relacionamos isto com alguma circunstância totalmente distinta, surgida numa cadeia associativa diferente. Em decorrência disto, diz Wundt, obtém-se um absurdo, ou seja, uma estrutura de imagens que parece ser carente de sentido, mas que, do ponto de vista da análise, é completamente determinada e serve de base para os sonhos. Como se sabe, Wundt e todos os psicólogos que defendiam esse ponto de vista consideravam que a fantasia do homem está limitada, por princípio, pela quantidade de imagens obtidas por associação e que nenhuma nova conexão não vivida entre os elementos pode se somar ao processo da atividade da imaginação; que o começo criativo não é próprio dessa atividade e que ela dispõe de um círculo limitado de combinações, dentro das quais se dá.

Os psicólogos apresentavam como um dos momentos o fato da repetição dos sonhos, quando um mesmo sonho ou combinações de sonhos, que remetem uma à outra, se repetem numa mesma pessoa durante toda a vida. A consequência natural deste fato é a tese das limitadas possibilidades de combinação.

Quando os psicólogos procuravam demonstrar que a imaginação é uma atividade determinada, que o vôo da fantasia se produz de forma regular, tinham razão e encontravam um importante material para confirmar tal crença. Mas, ao mesmo tempo, esboçavam o problema do aparecimento de novos elementos da imaginação. A lei de Wundt diz: a impressão, o pensamento ou a contemplação real de um casamento podem levar para a idéia oposta, por exemplo, a idéia da separação eterna, da sepultura; uma determinada idéia pode fazer as pessoas lembrarem do contrário, mas não de algo alheio a ela; a

impressão do casamento não pode orientar ninguém a pensar em dor de dente, porque o casamento e esta última não mantêm relação. Dito de outro modo, a imaginação está muito arraigada no conteúdo de nossa memória.

A imaginação criativa, embora seja de certo modo uma imaginação reprodutora, como forma de atividade não se funde com a memória. É considerada uma atividade especial, que constitui um aspecto peculiar da atividade da memória.

Vemos, portanto, que, assim como ocorre nos problemas que examinamos até agora, também nos da imaginação o mais importante ficou sem resolver. A psicologia atomista era impotente para explicar o devir do pensamento, o nascimento da atividade racional orientada para um fim, assim como para explicar como surge a imaginação criativa. Sua doutrina encerrava contradições, que constituíram o ponto real de que partiu a decisiva divisão da psicologia em causal e descritiva ou intuitiva.

Partindo da impossibilidade em que se encontrava a psicologia associacionista para explicar o caráter criativo da imaginação, a psicologia intuitiva fez neste terreno o mesmo que no do pensamento: tanto lá quanto aqui, conforme expressão de Goethe, converteu o problema em postulado. Quando era preciso explicar como surge a atividade criativa na consciência, os idealistas respondiam que a imaginação criativa é própria da consciência, que a consciência cria, que são próprias dela formas apriorísticas nas quais se criam todas as impressões da realidade exterior. Do ponto de vista dos intuitivistas, o erro da psicologia associacionista consistia em partir da experiência do homem, de suas sensações, de suas percepções, considerando estas momentos primários da psique, em função do que eram incapazes de explicar como surge a atividade criativa em forma de imaginação. Na verdade, dizem os intuitivistas, toda a atividade da consciência humana está impregnada de um princípio criativo. Nossa percepção só é possível porque o homem acrescenta algo de seu ao que percebe da realidade exte-

rior. Por conseguinte, nas doutrinas idealistas atuais, duas funções psicológicas trocam de lugar. Se a psicologia associacionista reduzia a imaginação à memória, os intuitivistas procuravam mostrar que a própria memória nada mais é do que um caso particular da imaginação. Por esse caminho, os idealistas chegam com frequência a considerar a percepção como um caso particular da imaginação. A percepção, dizem eles, é uma imagem figurada da realidade, criada pela mente, que toma a impressão exterior como ponto de apoio e que deve sua origem e surgimento à atividade criativa da própria cognição.

Por conseguinte, a controvérsia entre o idealismo e o materialismo no problema da imaginação, assim como no do pensamento, reduzia-se à questão de se a imaginação era uma propriedade primária da cognição, da qual desenvolvem-se paulatinamente as demais formas da atividade psíquica, ou se a própria imaginação deve ser interpretada como uma forma complexa da consciência desenvolvida, como uma forma superior de sua atividade, que durante a evolução surge sobre a base da anterior. A impotência do ponto de vista atomista, assim como do idealista, consiste no seguinte: ambos resolviam a questão de um modo igualmente metafísico, no sentido de que, ao tomar como original a atividade reprodutora da consciência, fechavam o caminho para explicar como surge a atividade criativa no processo de desenvolvimento. Na opinião de Wundt, parecia absurdo admitir que na imaginação seja possível ligar a impressão ou o pensamento do casamento com o pensamento da dor de dente. Com isso, ignorava os evidentes fatos de que nossa imaginação ao se desenvolver dá alguns saltos muito mais audazes, liga coisas muito mais díspares do que aquelas às quais ele se refere; no final de sua vida, Wundt teve de reconhecer este aspecto em seu trabalho sobre a fantasia como fundamento da arte.

O idealismo, neste caso, mostrou-se impotente no sentido de que atribuía à consciência uma propriedade criativa primária, incluindo assim a imaginação no círculo das atividades primá-

rias da consciência que, segundo os comentários de Drish, Bergson e outros vitalistas e intuitivistas, são próprias da consciência desde o momento de seu nascimento. Segundo a conhecida fórmula de Bergson, a imaginação é tão própria à nossa consciência, desde o começo, quanto a liberdade de vontade. Trata-se da atividade livre que transcorre nas condições do mundo material e por isso se entrecruza com ele, mas, em si, é autônoma. Próximo deste ponto de vista estava James, o qual, ao referir-se à vontade que rege a atividade criativa, dizia que cada ato encerra um "fiat", palavra divina com que Deus criou o mundo.

Para que a formulação deste problema na psicologia idealista atual fique clara falta acrescentar um último aspecto. A questão da natureza da imaginação, por ser muito importante, foi transposta para o plano genético e reduzida à questão de sua prioridade.

Na psicologia infantil, esta questão começou a encontrar sua solução. Atualmente, na psicologia geral, é impossível tratar experimentalmente o problema da imaginação ignorando o material acumulado na psicologia infantil.

Vejamos de que novos avanços dispomos na psicologia infantil sobre esta questão. Embora minha tarefa não consista de modo algum em descrever o processo da resolução deste problema em toda a sua plenitude histórica, devo tratar de sua história.

O representante da idéia de que a imaginação é primária, que é uma forma presente desde o princípio na consciência infantil, de onde procede todo o resto da consciência da personalidade, é a psicanálise e seu criador, Freud. Conforme sua doutrina, dois princípios regulam a atividade psíquica da criança: o princípio do prazer ou satisfação e o da realidade. No começo, a criança procura obter prazer ou satisfação; na primeira idade este princípio predomina.

A criança é um ser cujas necessidades biológicas estão suficientemente cuidadas pelos adultos. Os alimentos, a roupa são fornecidos pelos adultos. É o único ser que, segundo Freud,

está completamente emancipado da realidade. É um ser que se acha submerso no prazer; por isso a consciência da criança se desenvolveria como uma consciência visionária, ou seja, como uma consciência cuja função principal não consiste em refletir a realidade em que vive nem em realizar uma atividade destinada a transformar tais ou quais impressões, mas apenas em servir os desejos e as tendências sensoriais da criança. Não possui uma percepção da realidade, sua consciência é alucinatória.

Esta idéia, no que tange o problema que nos interessa, está desenvolvida nos trabalhos de Piaget. O ponto de partida deste último consiste em que o primário é a atividade da imaginação ou do pensamento não dirigido para a realidade. Mas, diz ele, entre o pensamento do bebê não orientado em absoluto para a realidade e o do adulto – pensamento realista – existem formas transitórias. Essa forma transitória, ou intermediária, ou mista, entre a imaginação e o pensamento real é descrita por Piaget como o pensamento egocêntrico infantil. O egocentrismo infantil é a escala de transição entre a imaginação e o pensamento realista, isto é, do pensamento que lembra um leve sonho, uma visão, uma ilusão, ou, como diz metaforicamente Piaget, um certo espelhismo, que vive no campo do irreal, do desejado, ao pensamento cuja tarefa consiste em se adaptar à realidade e influenciar esta mesma realidade.

Como se sabe, devemos a Piaget uma série de interessantes pesquisas experimentais sobre a infância precoce. A essência das mesmas, em seu aspecto real, consiste no seguinte: Piaget demonstrou experimentalmente que o bebê não distingue com suficiente clareza em sua consciência as impressões que recebe do mundo exterior e as que obtém de si mesmo. Seu "eu" e a realidade exterior não estão experimentalmente diferenciados na consciência; com frequência confunde um e outro e em função disto distingue mal os atos e formas que procedem dele e os que se dão no exterior. Surgem nele uma série de nexos confusos, que Piaget mostrou experimentalmente de forma recorrente e convincente.

Assim, se uma criança realiza um movimento, que coincide no tempo com qualquer outra impressão que lhe resulte agradável, tenderá a considerar essa impressão externa agradável, que coincidiu casualmente, como resultado, expressando-nos na língua de um adulto, de seu movimento precedente. Isso fica claro no fato de que se a impressão não se repete, a criança repetirá algumas vezes seus movimentos com o objetivo de provocar essa impressão. Piaget levou a cabo um experimento com uma menina de cinco meses. A menina, que brincava com um lápis e batia com ele no fundo de uma lata, deparava-se com o fato de que ao mesmo tempo em que batia com o lápis na lata soava uma campainha no cômodo ou o experimentador, escondido, dava um grito imitando o de um pássaro. A menina bate de novo na lata, mas desta vez de um outro jeito: bate uma vez e espera. Soa o grito, a menina repete seu movimento, com o evidente objetivo de provocar a impressão cuja procedência desconhece, mas bate e o grito não soa. Então, aborrecida, bate várias vezes na lata, tentando fazer com que soe o grito e, descontente, bate na outra parte da lata. Em outras palavras, a menina dá mostras, com seu comportamento, de que o que tinha coincido casualmente com seu próprio movimento é considerado por ela resultado imediato desse movimento.

Piaget baseia-se nesta pesquisa da infância precoce, mas, compreendendo que não é suficientemente idônea, utiliza outro método, o da interpolação, no qual se considera a criança de acordo com os níveis de desenvolvimento. Quanto menor for, maior é, seu egocentrismo, segundo o psicólogo, mais seu pensamento se centra na satisfação de seus desejos. O egocentrismo de uma criança de sete anos é mais intenso do que o de uma de dez, o de uma de três mais intenso que o de uma de cinco, etc. Seguindo esse caminho teremos de constatar que nos níveis precoces do desenvolvimento predomina na criança um egocentrismo absoluto.

O que é, no fim das contas, o egocentrismo? Piaget responde dizendo que é puro solipsismo, ou seja, puro estado da consciência que não conhece outra realidade a não ser ela mesma, que vive num mundo de criações próprias. O solipsismo infantil é um estado que se manifesta nas etapas iniciais do desenvolvimento da consciência da criança em geral; através das formas intermediárias de egocentrismo começa paulatinamente a se desenvolver na consciência infantil o pensamento lógico, realista, do adulto.

Para passar do anteriormente exposto à doutrina da imaginação na infância, é necessário enumerar de forma resumida os principais momentos do desenvolvimento da consciência da criança desde a infância precoce e acompanhar sua evolução. Estes momentos são vários. Piaget, assim como os demais pesquisadores, é tributário de Freud. Segundo esse ponto de vista, a forma primária de imaginação é constituída pela atividade subconsciente, distinta do pensamento realista, que é uma atividade consciente. Para estes autores, a diferença consiste em que no pensamento realista a pessoa se dá conta dos objetivos, das tarefas e dos motivos que põe em ação. Em contrapartida, o pensamento que rege a fantasia não tem consciência das tarefas, objetivos e motivos principais – tudo isso permanece na esfera do subconsciente. Por conseguinte, a primeira diferença é que o pensamento realista é consciente, ao passo que a fantasia é, basicamente, subconsciente. A segunda diferença consiste na atitude diante da realidade. A consciência realista desenvolvida prepara nossa atividade relacionada com a realidade. A imaginação é uma atividade que, neste sentido, manifesta por completo o princípio do prazer, ou seja, sua função é outra.

A terceira diferença consiste para eles em que o pensamento realista pode ser comunicado com palavras, é social e verbal. É social no sentido de que, ao refletir a atividade externa, igual para diferentes consciências analogamente estruturadas, pode ser comunicado, transmitido; como o principal meio

de comunicação, de transmissão, é a palavra, o pensamento realista é ao mesmo tempo social e verbal. O homem transmite de forma mais ou menos completa o conteúdo e o curso de seu pensamento. Ao contrário, o pensamento autista não é social, mas individual, porque está a serviço de desejos que não têm nada em comum com a atividade social da pessoa. É um pensamento sem palavras, em imagens, simbólico, que penetra na estrutura de uma série de imagens e não é comunicável.

Poderíamos apresentar toda uma série de diferenças, mas nos restringiremos a estas. Portanto, esses autores consideram a imaginação, em suas formas primárias, como uma atividade subconsciente, como uma atividade que serve não ao conhecimento da realidade, mas à obtenção de prazer, como uma atividade não-social, de caráter não-comunicável.

Este ponto de vista topou com as primeiras e mais importantes objeções de caráter real por parte dos psicólogos de mentalidade biológica, embora pudesse parecer que tal ponto de vista fosse ditado, em certa medida, por concepções ultrabiológicas, já que considera o homem como um ser que, no princípio, não se desenvolve socialmente, mas a quem a atividade social se agrega como algo externo, secundário.

Os psicólogos de mentalidade biológica estabeleceram dois fatos capitais. O primeiro se refere ao pensamento e à imaginação nos animais. O experimento realizado com grande precisão e de forma muito interessante pelo pesquisador holandês Buytendijk, assim como outros experimentos, mostrou que no reino animal quase não encontramos elementos do pensamento autista ou de fantasia no sentido estrito da palavra. Do ponto de vista biológico é difícil admitir que na filogênese primeiro surja o pensamento como função de satisfação, de prazer, e não como função de conhecimento da realidade. Nenhum animal, dizia Bleuler, poderia sobreviver um só dia se sua atividade psíquica, muito intimamente ligada a toda a sua atividade vital, estivesse emancipada da realidade, ou seja, se não lhe proporcionasse uma idéia da realidade cir-

cundante, um reflexo da realidade, de acordo com o nível de atividade psíquica em que se encontra o animal em questão. Portanto, seria impossível admitir teoricamente e, depois das pesquisas de Buytendijk, tampouco cabe admiti-lo no aspecto real, que na série filogenética a imaginação e o pensamento estejam orientados para a obtenção de prazer, que a estrutura de espelhismo, a ilusão, seja uma forma mais primária que o pensamento orientado para a realidade.

O segundo grupo de fatos consiste na análise de observações de crianças. Os pesquisadores demonstraram que na idade mais precoce não deparamos com a obtenção alucinatória do prazer, que a obtenção do prazer na criança está ligada não à satisfação alucinatória, mas à satisfação real de necessidades. Bleuler explica isso bem: nunca viu nenhuma criança que experimentasse uma satisfação alucinatória da comida que imagina; em contrapartida, viu que a obtenção de comida real proporciona à criança satisfação e prazer.

A obtenção de prazer por parte da criança e a satisfação primária estão tão ligadas às necessidades reais que se satisfazem na realidade, que constituem a forma primária de consciência. A satisfação real, se nos referirmos a suas formas simples, relaciona-se com a satisfação das necessidades, e a satisfação destas é uma das principais formas da vida e da atividade do ser vivo, na qual a consciência participa desde a fase mais primordial de seu surgimento. O pensamento orientado para a satisfação de necessidades e para a obtenção de prazer não seguem caminhos opostos; como diz Bleuler, o caminho da satisfação real passa, na primeira idade, pela realidade, sem se desviar dela. Esses momentos relacionam-se e estão condicionados pelo fato de que a satisfação das necessidades mais simples está ligada na primeira infância a um prazer intenso, que salta para primeiro plano e domina sobre os demais momentos.

Em essência, a tese do caráter primário da imaginação e do pensamento autista foi objeto, ponto por ponto, de uma

série de refutações reais por parte dos pesquisadores, as quais acabamos de enumerar. Entre elas, devem ocupar o primeiro lugar as que esclareceram a verdadeira relação entre o desenvolvimento da linguagem da criança e o de sua imaginação.

Dos pontos de vista de Freud e de Piaget, a principal particularidade da fantasia infantil primária é que deparamos com um pensamento não-verbal e, por conseguinte, não-comunicável.

Portanto, entre o pensamento através da palavra e o pensamento autista existe uma contrariedade, devida ao caráter verbal e não-verbal destas duas formas de pensamento.

De fato, as pesquisas evidenciaram que, no desenvolvimento da imaginação infantil, um grande passo está diretamente relacionado com a assimilação da linguagem, e que as crianças que experimentam um atraso no desenvolvimento desta última ficam extraordinariamente retardadas na evolução da imaginação. As crianças cujo desenvolvimento da linguagem segue um caminho deformado (digamos, os surdos, por ficarem total ou parcialmente mudos, carentes de comunicação através da linguagem) são ao mesmo tempo crianças com formas de imaginação enormemente pobres, escassas e às vezes realmente rudimentares. No entanto, partindo da tese de Freud e outros, dever-se-ia esperar que, quando na criança não está desenvolvida a linguagem, quando esta falta ou se atrasa, criam-se condições especialmente favoráveis para o desenvolvimento de formas de imaginação primária, não-comunicáveis, não-verbais.

✎ Por conseguinte, a observação do desenvolvimento da imaginação evidenciou a dependência entre essa função e o desenvolvimento da linguagem. Conforme foi estabelecido, o atraso no desenvolvimento da linguagem representa um atraso no da imaginação.

Talvez seja a patologia que ofereça os fatos mais notáveis, dada sua brevidade, mais convincentes e mais eloqüentes. Há não muito tempo, quando se levou a cabo uma análise psicoló-

gica das doenças nervosas, prestou-se atenção a um fato de extraordinário interesse, que pela primeira vez foi objeto de uma interpretação adequada nas pesquisas neurológicas da escola da psicologia estrutural, na Alemanha. Verificou-se que os doentes que padeciam de afasia, ou seja, aqueles que, em decorrência de uma ou outra afecção ou lesão cerebral, tinham perdido a faculdade de dominar por completo a linguagem (compreensão da linguagem ou do aspecto articulatório da mesma), apresentavam ao mesmo tempo uma forte diminuição da fantasia, da imaginação; pode-se dizer que sua imaginação se reduzia a zero. Com muita frequência, tais doentes são incapazes de repetir, para não dizer de criar, algo que não corresponda de imediato à sua impressão ou à realidade percebida por eles.

No Instituto de Frankfurt, foram descritos pela primeira vez casos em que um paciente afetado de paralisia do lado direito, mas que conservava a faculdade de repetir as palavras que escutava, de compreender a linguagem e escrever, era incapaz de repetir a frase: "Consigo escrever bem com a mão direita", e sempre substituía a palavra "direita" por "esquerda", porque, na verdade, só conseguia escrever com a mão esquerda. Repetir uma frase que incluísse algo que não correspondia ao seu estado era impossível. Como se vê no experimento, não conseguia, ao olhar por uma janela quando o tempo estava bom, repetir a frase: "Hoje está chovendo" ou "Hoje o tempo está ruim". Por conseguinte, a faculdade de imaginar o que não via no momento dado era impossível para ele. Mais complicado era quando lhe pediam para utilizar por conta própria uma palavra que não correspondesse à realidade percebida, por exemplo, quando lhe mostravam um lápis amarelo e lhe pediam para dizer que não era amarelo. Isso era difícil. Mas ainda mais difícil para ele era dizer que o lápis era verde. Não conseguia nomear um objeto se isso não correspondesse a suas propriedades, como, por exemplo, dizer: "Neve preta." Não conseguia pronunciar uma frase se a combinação de palavras que nela constava fosse falsa. As pesquisas mostram, portanto, que uma séria per-

turbação da função verbal está relacionada com a redução a zero da atividade imaginativa do sujeito que padece desse defeito.

Devemos a Bleuler e sua escola o conhecimento dos fatos que lançam luz sobre esta questão; suas pesquisas mostram por que o desenvolvimento da linguagem constitui um forte impulso para o da imaginação. A linguagem libera a criança das impressões imediatas sobre o objeto, oferece-lhe a possibilidade de representar para si mesma algum objeto que não tenha visto e pensar nele. Com a ajuda da linguagem, a criança obtém a possibilidade de se libertar do poder das impressões imediatas, extrapolando seus limites. A criança pode expressar com palavras também aquilo que não coincide com a combinação exata de objetos reais ou das correspondentes idéias. Isso lhe dá a possibilidade de se desenvolver com extraordinária liberdade na esfera das impressões designadas mediante palavras.

As pesquisas mostraram que não só a linguagem, mas a vida posterior da criança está a serviço do desenvolvimento de sua imaginação; tal papel é desempenhado, por exemplo, pela escola, onde a criança pode pensar minuciosamente sobre algo de forma imaginada, antes de levá-lo a cabo. Isto sem dúvida constitui a base do fato de que, precisamente durante a idade escolar, se estabelecem as formas primárias da capacidade de sonhar no sentido próprio da palavra, ou seja, a possibilidade e a faculdade de se entregar mais ou menos conscientemente a determinadas elucubrações mentais, independentemente da função relacionada com o pensamento realista. Por fim, a formação de conceitos, que representa o começo da idade de transição, é um fator de extrema importância no desenvolvimento das mais diversas, mais complexas combinações, conexões e relações que, no pensamento conceitual do adolescente, podem ser estabelecidas entre diferentes elementos da experiência. Dito de outro modo, vemos que não só o aparecimento em si da linguagem, mas também os momentos

cruciais mais importantes em seu desenvolvimento, são ao mesmo tempo momentos cruciais também no desenvolvimento da imaginação infantil.

Por conseguinte, as pesquisas reais não só não confirmam que a imaginação infantil seja uma forma de pensamento não-verbal, autista, não-dirigido, mas, ao contrário, mostram a cada passo que o processo de desenvolvimento da imaginação infantil, assim como o processo de desenvolvimento de outras funções psíquicas superiores, está seriamente ligado à linguagem da criança, à forma psicológica principal de sua comunicação com aqueles que a rodeiam, isto é, à forma fundamental de atividade coletiva social da consciência infantil.

Sabe-se que Bleuler lançou outra tese, que também se viu ratificada nas pesquisas: a atividade da imaginação pode ser ao mesmo tempo uma atividade dirigida, no sentido de que podemos nos dar perfeitamente conta dos fins e motivos que essa atividade persegue.

Se tomarmos as chamadas utopias, ou seja, idéias notoriamente fantásticas – que se distinguem perfeitamente na consciência dos planos realistas, no sentido exato da palavra –, elas não se realizam em absoluto de forma subconsciente, mas sim consciente, com o claro objetivo de criar uma imagem fantástica determinada, que se refere ao futuro ou ao passado. Se escolhermos o campo da criação artística, que logo está ao alcance da criança, e tomarmos o aparecimento dos produtos dessa criação, digamos no desenho, no relato, veremos que também aí a imaginação tem caráter dirigido, ou seja, não é uma atividade subconsciente.

Se, finalmente, tomarmos a denominada imaginação construtiva da criança ou toda a atividade criativa da consciência, relacionada com a transformação real, digamos, com a atividade técnico-construtiva ou de edificação, veremos, onde quer que seja, que para os verdadeiros inventores a imaginação é uma das principais funções, com a ajuda da qual se trabalha e que, em todos os casos de atividade, a fantasia está extraordinariamente dirigida, que, do princípio ao fim, está orientada

para o objetivo determinado que o indivíduo persegue. O mesmo se aplica aos planos de comportamento da criança que se referem ao futuro, etc.

Sob a pressão dos fatos, temos de reconhecer que, depois de uma severa comprovação, todos os momentos principais que determinaram a peculiaridade da imaginação infantil e seu caráter primário não resistem à crítica e se revelam errôneos.

Desejaria deter-me numa questão relacionada com este campo: o aspecto emocional da imaginação.

A psicologia da infância assinalou, na atividade da imaginação, um momento importante denominado *lei da sensação real* na atividade da fantasia. Sua essência é simples, a observação real constitui seu fundamento. A atividade da imaginação está estreitamente ligada com o movimento de nossos sentimentos. Com muita freqüência, tal ou qual estrutura revela-se irreal do ponto de vista dos momentos racionais que servem de base para as imagens fantásticas, mas é real no sentido emocional.

Recorrendo a um velho e tosco exemplo, poderíamos dizer: se, ao entrar num cômodo, tomo por um malfeitor um paletó pendurado, sei que minha fantasia assustada é errônea, mas o sentimento de terror que experimento é uma sensação real e não uma fantasia a respeito da sensação real de terror. Este, com efeito, é um dos momentos fundamentais, que explica muito sobre a peculiaridade do desenvolvimento da imaginação na infância e nas múltiplas formas da fantasia na idade madura. A essência do fato consiste em que a imaginação é uma atividade extraordinariamente rica em momentos emocionais.

Aproveitando-se disso e baseando-se neste momento, uma série de psicólogos, que se ocuparam da idéia da imaginação primária, partem da idéia de que seu motor principal é o afeto.

Vocês sabem que na clínica, mediante observações, estudou-se o papel do pensamento autista. Predominava ali a idéia de que o pensamento realista diferencia-se do fantástico fun-

damentalmente e em primeiro lugar pelo fato de que, no primeiro, o papel das emoções é insignificante, que ele se move independente do desejo subjetivo, ao passo que o pensamento autista o faz sob a influência do afeto. Ocorre, de modo indiscutível, que a imagem figurada, obtida por meio do desenvolvimento autista do pensamento, constitui um momento importante na evolução do processo emocional. É natural, portanto, que se produzam relações tão peculiares entre os processos emocionais e o pensamento da criança, quando seu pensamento, expressando-nos em forma pouco acadêmica, passa a estar a serviço de seus impulsos emocionais. Isso ocorre quando a realidade diverge notoriamente, em algum sentido, das possibilidades ou das necessidades da criança ou quando, devido a uma série de circunstâncias, em primeiro lugar em consequência das condições da educação, a criança adota uma atitude falsa, deformada, com respeito à realidade. Encontramos, então, aquilo que, sob outras formas, se manifesta em qualquer pessoa adulta desenvolvida e na criança que evolui normalmente no aspecto social, precisamente essa forma peculiar de atividade do pensamento, em que este está subordinado a interesses emocionais. Isso se dá fundamentalmente graças ao prazer imediato que se extrai dessa atividade, graças ao fato de que, junto com isso, produz-se uma série de sensações agradáveis e, por fim, graças a que uma série de interesses e impulsos emocionais obtêm uma satisfação fictícia evidente, que é também uma substituição da satisfação real de processos emocionais.

Por conseguinte, o pensamento neste sistema psíquico transforma-se numa espécie de servo das paixões, numa espécie de subordinado dos impulsos e interesses emocionais e deparamos, na verdade, com uma atividade psíquica que se caracteriza por uma relação peculiar entre o processo das emoções e o do pensamento, e com a fusão que denominamos forma visionária da imaginação.

Mas vale a pena percorrer os outros dois momentos: a combinação com os momentos emocionais não constitui a base exclusiva da imaginação e esta não se esgota nessa forma.

O pensamento realista, quando está relacionado com uma tarefa importante para o indivíduo, situada de alguma maneira no centro de sua personalidade, provoca e desperta uma série de sensações emocionais, de caráter muito mais considerável e verdadeiro do que a imaginação e a capacidade de sonhar. Se tomarmos o pensamento realista de um revolucionário, que reflete sobre uma complicada situação política ou a estuda, que penetra nela, em suma, se tomarmos o pensamento orientado para a resolução de uma tarefa de importância vital para o indivíduo, veremos que as emoções relacionadas com tal pensamento realista são com muita frequência incomensuravelmente mais profundas, mais fortes, mais móveis e mais significativas no sistema do pensamento do que as emoções relacionadas com as visões. O importante aqui é outro procedimento de união dos processos emocionais com o pensamento.

Se, na imaginação visionária, o pensamento se manifesta numa forma que está a serviço dos interesses emocionais, no pensamento realista não encontramos um domínio específico da lógica dos sentimentos. Nesse pensamento existem relações complexas entre funções isoladas. Se tomarmos a forma da imaginação que se relaciona com a invenção e sua influência na realidade, veremos que nesse caso a atividade da imaginação não está subordinada aos caprichos subjetivos da lógica emocional.

O inventor, que em sua imaginação cria o desenho ou o plano que irá fazer, não se parece com uma pessoa que se move, em seu pensamento, segundo a lógica subjetiva das emoções. Em ambos os casos nos encontramos diante de diferentes sistemas e diferentes gêneros de uma complicada atividade.

Se enfocarmos a questão do ponto de vista classificatório, é incorreto considerar a imaginação uma função especial entre outras funções, uma forma de atividade cerebral do mesmo

tipo, que se repete regularmente. A imaginação deve ser considerada uma forma mais complicada de atividade psíquica, a união real de várias funções em suas peculiares relações.

Para tão complexas formas de atividade, que superam os limites dos processos que costumamos chamar de funções, seria correto utilizar a denominação de *sistema psicológico*, tendo em conta sua complicada estrutura funcional. São características desse sistema as conexões e relações interfuncionais que predominam dentro dele.

A análise da atividade da imaginação em suas diversas formas e a da atividade de pensamento mostram que apenas enfocando estes tipos de atividade como sistemas encontramos a possibilidade de descrever as importantíssimas mudanças que nelas ocorrem, as dependências e os nexos que nelas se descobrem.

Permitam-me, para terminar, deter-me em certas conclusões sobre o que estudamos até agora. Parece-me que devem, antes de mais nada, fazer referência à existência ou não de um tão inconciliável antagonismo, uma tal contraposição, entre o pensamento realista e o pensamento visionário, fantasioso, autista. Se considerarmos o caráter verbal do pensamento veremos que este pode ser igualmente próprio da imaginação e do pensamento realista. Se considerarmos o denominado caráter dirigido ou consciente do pensamento, isto é, os motivos e fins, veremos que tanto o pensamento autista quanto o realista podem, em igual medida, ser processos dirigidos; pode-se também demonstrar o contrário: no processo do pensamento realista, com frequência o indivíduo não toma consciência até o fim de seus verdadeiros motivos, objetivos e tarefas.

Se, por fim, analisarmos o vínculo de ambos os processos, imaginação e pensamento, com a afetividade, a participação dos processos emocionais nos do pensamento, veremos que tanto a imaginação quanto o pensamento realista podem ser caracterizados por uma elevadíssima emocionalidade e que

entre eles não existe contradição. E, ao contrário: veremos que existem certas esferas da imaginação que não estão, em si, subordinadas à lógica das emoções, à lógica das sensações. Dito de outro modo, todas as contraposições aparentes, metafísicas, genéticas, que se estabelecem entre o pensamento realista e o autista são, de fato, fictícias, falsas; um estudo mais profundo mostra que nos encontramos, neste caso, diante de uma contradição de valor não absoluto, mas apenas relativo.

Ao mesmo tempo, observamos outros dois momentos extraordinariamente importantes que caracterizam, do ponto de vista positivo e não apenas crítico, as relações entre o pensamento e a imaginação que nos interessam.

Esses momentos são os seguintes: por um lado, assinalamos a extraordinária afinidade, a proximidade entre os processos do pensamento e da imaginação. Vemos que ambos manifestam seus êxitos fundamentais nos mesmos momentos genéticos. Assim como no desenvolvimento do pensamento infantil, no desenvolvimento da imaginação o momento crítico principal coincide com o surgimento da linguagem. A idade escolar é o ponto crucial no desenvolvimento do pensamento infantil realista e autista. Dito de outro modo, vemos que o pensamento lógico e o pensamento autista desenvolvem-se numa excepcional e estreita inter-relação. Uma análise detalhada nos permitirá arriscar uma formulação mais audaz: poderíamos dizer que ambos se desenvolvem unidos, que, em essência, na evolução de cada um não observamos em absoluto uma vida independente. Mais ainda, ao observar as formas de imaginação relacionadas com a criatividade, orientadas para a realidade, vemos que a fronteira entre o pensamento realista e a imaginação se apaga, que a imaginação é um momento totalmente necessário, inseparável, do pensamento realista.

Aqui surgem contradições, naturais do ponto de vista da situação fundamental das coisas: é impossível conhecer corretamente a realidade sem um certo elemento de imaginação,

sem se afastar dela, das impressões isoladas imediatas, concretas, em que essa realidade está representada nos atos elementares de nossa consciência. Tomem, por exemplo, o problema da invenção, o da criação artística; neles, verão que a resolução das tarefas exige em alto grau a participação do pensamento realista no processo da imaginação, que atuam juntos.

Não obstante, apesar disso seria totalmente incorreto identificar ambos e não ver a contradição real que existe entre eles, e que consiste no seguinte: a imaginação se caracteriza não por uma melhor conexão com o aspecto emocional, não por um grau menor de consciência, não por um grau menor ou maior de concretude; essas particularidades também se manifestam nas distintas etapas do desenvolvimento do pensamento. Para a imaginação é importante a direção da consciência, que consiste em se afastar da realidade, em uma atividade relativamente autônoma da consciência, que se diferencia da cognição imediata da realidade. Junto com as imagens que se criam durante o processo da cognição imediata da realidade, o indivíduo cria imagens que são reconhecidas como produto da imaginação. Num nível alto de desenvolvimento do pensamento criam-se imagens que não encontramos preparadas na realidade circundante. A partir disso, torna-se compreensível a complexa relação existente entre a atividade do pensamento realista e a da imaginação em suas formas superiores e em todas as fases de seu desenvolvimento. Torna-se compreensível que, junto com cada passo na conquista de uma mais profunda penetração na realidade, a criança vai se libertando, até certo ponto, da forma mais primitiva de conhecimento da realidade que antes conhecia.

→ Toda penetração mais profunda na realidade exige uma atitude mais livre da consciência para com os elementos dessa realidade, um afastamento do aspecto externo aparente da realidade dada imediatamente na percepção primária, a possibilidade de processos cada vez mais complexos, com a ajuda dos quais a cognição da realidade se complica e se enriquece.

Desejaria, finalmente, dizer que a conexão interna existente entre a imaginação e o pensamento realista complementa-se com um novo problema, intimamente ligado ao da vontade ou liberdade na atividade do homem, na atividade da consciência humana. As possibilidades de agir com liberdade, que surgem na consciência do homem, estão intimamente ligadas à imaginação, ou seja, à tão peculiar disposição da consciência para com a realidade, que surge graças à atividade da imaginação.

Unem-se num conjunto três grandes problemas da psicologia atual, particularmente da psicologia infantil atual – o problema do pensamento, o problema da imaginação e o problema da vontade. Ao problema da vontade estará dedicada a próxima e última conferência.

## *Conferência 6*

### *O problema da vontade e seu desenvolvimento na infância\**

Como fizemos ao analisar todos os problemas, permitam-me começar com uma breve e esquemática introdução histórica sobre o estado atual deste problema na ciência.

Sabe-se que a tentativa de compreender e desenvolver teoricamente o problema da vontade e analisar suas manifestações no adulto e na criança segue duas tendências; uma delas costuma ser denominada teoria heterônoma e a outra, teoria autônoma.

Por *teoria heterônoma* subentende-se o grupo de pesquisas teóricas e experimentais que tenta explicar os atos volitivos do homem, reduzindo-os a complexos processos psíquicos de caráter não-volitivo, a processos associativos ou intelectuais. Qualquer teoria que procure buscar a explicação dos atos volitivos fora da vontade une-se às teorias heterônomas. As *teorias autônomas* ou *voluntaristas* consideram que a explicação da vontade baseia-se na unidade e irredutibilidade dos processos volitivos e das sensações volitivas. Os representantes desta escola tentam explicar a vontade partindo de leis próprias do ato volitivo em si.

.....

\* “Problema voli y yeyo razvitie v detskom vozraste.”